

ESTAÇÃO DAS CHUVAS: HISTÓRIA E LITERATURA NA ENCRUZILHADA DO ROMANCE

ESTAÇÃO DAS CHUVAS: HISTORY AND LITERATURE AT THE CROSSROADS OF THE NOVEL

Renata Flavia da Silva
UFF

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre a História e a Ficção na literatura angolana contemporânea. A análise concentra-se na obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa, sendo o romance *Estação das Chuvas* o cerne das reflexões aqui apresentadas. A obra múltipla e ambígua construída pelo autor problematiza e questiona as “verdades” ditas acerca da História de Angola, em um discurso narrativo que apresenta “traços de veracidade” que, inseridos em obras ficcionais, as inscrevem num lugar entre o *factum* e o *fictum*.

PALAVRAS-CHAVE: Angola, história, ficção

ABSTRACT:

The present text aims at analyzing the relation between history and fiction in contemporary Angolan literature. Our analysis dwells on José Eduardo Agualusa's writings and has at its core the novel Estação das chuvas. Agualusa's multiple and ambiguous work problematizes and questions the "truths" attributed to the history of Angola using a narrative discourse that presents "signs of veracity" which inscribe fictional works in-between the factum and the fictum.

KEYWORDS: Angola, history, fiction

Em nome do povo angolano, o Comitê Central do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, proclama solenemente perante a África e o mundo a independência de Angola. Nesta hora o Povo Angolano e o Comitê Central do MPLA observam um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela independência de Angola.

Agostinho Neto, em Luanda, às zero horas e vinte minutos do dia 11 de Novembro de 1975.

(E.C.¹, p. 15)

A citação que epigraficamente inaugura esta análise recupera as palavras ditas por Agostinho Neto, na noite da independência angolana, noite que marcou o fim do colonialismo português no território e o nascimento da então República Popular de Angola. Tal citação é trazida aqui não pelo discurso oficial do Presidente, mas pelo romance *Estação das chuvas*, de José Eduardo Agualusa, publicado em 1996. A narrativa reafirma que os “heróis tombados pela independência” serão para sempre lembrados; entretanto, ao

longo de toda a trama romanesca, tais figuras históricas serão apresentadas sob novos vieses e perspectivas. Ao contrário da sacralização da História tem-se uma desmitificação da mesma através da introdução da recordação e da dúvida, da ambiguidade característica da contemporaneidade, traço marcante na obra do autor.

A narrativa se apresenta como um espaço de interseção e de ultrapassagem das fronteiras, quer entre a história e a ficção, quer entre o público e o privado, em virtude de sua natureza biográfica, ainda que romanceada; transforma, pelo deslocamento ou pela combinação, os limites entre o *factum* e o *fictum*. As fronteiras da realidade e da imaginação, do passado e do presente, do interior e do exterior se diluem no cruzamento dos discursos apresentados. O ponto de interseção é o próprio lugar deslizante em que essa literatura se constrói.

Através da obra literária tem-se, assim, uma (re)escrita da História, uma modificação do discurso até então hegemônico, evidenciando as estruturas ideológicas dominantes que delimitam e controlam a memória histórica, pois, conforme denuncia o historiador Joseph Ki-Zerbo, “cada partido ou nação enxerga o meio-dia da porta de sua casa”(KI-ZERBO, 1982, p. 182), o que nos leva a compreender que cada dominador escreve a “história” segundo a sua versão. Deste modo, a visão tradicional do discurso histórico como a “verdade” absoluta, sem possibilidade de rasura, é substituída pelo reconhecimento do caráter de “construção” das narrativas históricas, de seleção e de formas de textualização relacionados a instituições e indivíduos. Com a aproximação dos limites entre os discursos histórico e literário, dada a natureza narrativa de ambos, instaura-se um espaço intervalar capaz de fazer emergir novas versões e visões da história em novas roupagens narrativas. Na literatura que se alicerça sobre a fluidez das fronteiras discursivas, aqueles que não tiveram voz no processo histórico, isto é, os vencidos da história, podem, finalmente, contar suas versões.

A narrativa romanesca de *Estação das chuvas* se apropria de inúmeros registros discursivos para dar conta de uma História que se faz ao longo de quase 70 anos de lutas, ideais e desejos perdidos pelos caminhos. A “biografia

romanceada” da escritora Lília do Carmo Ferreira relata, também, os fatos históricos que interferiram ou prepararam os caminhos trilhados por esta existência fictícia; seja através de cartas, poesias, entrevistas, diálogos ou descrições perturbadoras; mescla realidade e invenção nos destinos cruzados de personagens históricos e imaginados. Agualusa utiliza a palavra múltipla de seu romance para denunciar a falsa totalidade do discurso histórico angolano. A diversidade de seus personagens, históricos e ficcionais, a focalização particular da história de Lília e a inserção desta na história geral da nação, os múltiplos registros que utiliza para compor a narrativa representam a pluralidade angolana, ressaltada pelo autor. Euforia e amargura, esperança e desilusão fazem parte de uma vida única que se destaca do discurso oficial da história e segue em caminhos imaginados, pois “lá fora a vida acontecia/ em seu inteiro e bruto esplendor” (E.C., p. 19), fora da História (com H maiúsculo) a vida continuava com toda sua multiplicidade e contradição.

O romance traz como epígrafes trechos do discurso proferido por Agostinho Neto em 11 de novembro de 1975, também utilizados aqui com a mesma função. Esta escolha não é gratuita; um livro que pretende (re)escrever a História de Angola não poderia começar de outra forma; a narrativa e a República Popular de Angola iniciam-se no mesmo dia. Contudo, a importância de se revisitar o passado menos recente não é esquecida. A partir daquela noite de 75, muitas datas anteriores a esta serão recuperadas na narrativa. Agualusa resgata reminiscências e através delas (re)constrói o passado angolano referente às lutas pré e pós-Independência. As várias etapas da vida de Lília do Carmo Ferreira, bisneta do escritor Jacinto do Carmo Ferreira, seus exílios, voluntários ou não, suas ideias, assim como as do narrador e as das demais personagens de *Estação das chuvas*, não apresentam uma versão definitiva da História angolana — o que seria esperado, talvez, de um livro de História —, mas oferecem múltiplas interpretações desta mesma História, o que se pode esperar, talvez, de um livro em cujas páginas se defenda um poder “decretado em verso”(E.C., p. 31).

O romance traz em sua contracapa a seguinte definição: “biografia romanceada de Lília do Carmo Ferreira, poetisa, historiadora angolana,

misteriosamente desaparecida em 1992”. O leitor, até então, vê-se em uma encruzilhada, uma vez que a capa indica a natureza fictícia, através da palavra “romance”; e a contracapa, a possível veracidade demonstrada pela palavra “biografia”. Tem-se aí, a coexistência de dois discursos literários distintos, embora não excludentes. As narrativas autobiográficas, biográficas, ou de memórias não são obrigatoriamente verídicas; podem, sim, estar inscritas no campo ficcional, mas há, na utilização desta forma de discurso, uma indução, uma predisposição para que se aceite tal narrativa como “verdade”. Tal estratégia é corroborada, também, pela inserção de referências paratextuais, reais e/ou ficcionais, tais como os agradecimentos do autor, no qual as palavras “pesquisa” e “documentação” aumentam a atmosfera de veracidade que paira sobre a narrativa, ou as indicações bibliográficas das obras publicadas por Lídia do Carmo Ferreira:

Este livro deve muito a alguns amigos, que me apoiaram durante o trabalho de pesquisa e documentação, ou se dispuseram a partilhar comigo suas memórias.

(E.C., p. 09)

Lídia Ferreira, em *Pedras Antigas*, edição da Casa dos Estudantes do Império, 1961.

(E.C., p. 51)

Lídia Ferreira, em *Um vasto silêncio*, Edições A Voz do Corvo, Luanda, 1992.

(E.C., p. 251)

Vale ressaltar, também nesta análise, que Agualusa cria não só um espaço textual, mas uma sociedade que nele habita; citando as palavras do Umberto Eco, “constrói seu mundo de ficção emprestando aspectos do mundo real”(ECO, 1994, p. 79). Tais empréstimos reforçam a ambiguidade gerada na narrativa, sendo plausível, dentro do cenário romanescos, que Lídia tenha conhecido figuras como Viriato da Cruz ou Mário Pinto de Andrade e que seus livros tenham sido publicados. Ainda em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Eco afirma que, em algumas obras ficcionais,

as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas, que depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar

elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. (ECO, 1994, p. 131)

A familiaridade proporcionada pela presença de personagens reais e/ou que figuram em outras obras do autor faz com que o leitor se esqueça da natureza ficcional do romance; entretanto, as figuras reais que encontrará serão fieis somente à “verdade” narrativa e às significações por ela propostas. A literatura não tem compromisso com a “verdade” dos fatos, nem com os atores da vida real; o passado, para a escrita do romance, é relido e não re-vivenciado; esta (re)leitura pode ser induzida, aceita ou questionada, ou, ainda, suscitar que novas “verdades” venham à tona. É exatamente neste lugar entre ficção e realidade, entre romance, biografia, que é instaurado o discurso romanesco, doando à Lídia uma vida escrita por fragmentos, por citações e recordações e, por isso, plural, assim como a vida real.

Ao fim do romance, o narrador pergunta: “E agora?”(E.C., p. 279). É buscando esta resposta que o discurso enunciador constrói a narrativa. É na tentativa de entender o que restou após o processo de colonização e a conquista da Independência que leva o leitor a conhecer os anos secos das lutas, prisões e torturas, através de uma rede textual ambígua e complexa. A alegoria construída por Agualusa no romance reproduz bem a vocação desta nova escrita literária. A televisão inventada pelo jovem Zorro é a representação do desejo de produzir um efeito de real mais que de verossimilhança. Os presos da cadeia de São Paulo assistiam à criação de uma nova história, com base no real, mas fictícia e, por isso, livre para dizer quase tudo:

A seguir Zorro inventou a televisão. Era uma caixa de madeira com vidro à frente. (...) Era divertido: ao princípio ainda tentámos reproduzir a realidade, ou aquilo que supúnhamos que seria a realidade. (...) Pouco a pouco começámos a inventar breves notícias, e logo outras de maior impacto, enredando os restantes presos num universo de ficção. Noticiámos uma revolta na União Soviética, o fim do Bloco de Leste e a queda do muro de Berlim. (E.C., pp. 243-244)

“Quase tudo” porque algumas das notícias apresentadas na televisão tiveram de ser desmentidas por causa da indignação dos telespectadores, o que indica o grau de crença, de “veracidade”, com que tais notícias, como a que

destacamos a seguir, eram recebidas: “Um jornal italiano fotografou o papa numa discoteca de homossexuais... — Alguns dos presos protestaram indignados e no noticiário seguinte desmentimos esta notícia”(E.C., p. 244).

Enredando seu leitor cada vez mais na trama discursiva repleta de dobras significativas, Agualusa critica a própria metáfora e põe na boca do narrador o julgamento que a si podem tecer:

A mim parecia-me um disparate multiplicado por mil páginas, obra de um ébrio que não podendo organizar a realidade segundo os próprios desejos, optara por erguer à sua volta um vasto e laborioso universo de ficção (...).(E.C., pp. 256-257)

O disparate, acima referido, é *O profeta dos guindastes*, livro de Borja Neves, um dos membros contraditórios do Movimento OCA, o qual narraria

[a] estória de um obscuro operador de guindastes, semi-analfabeto, que inventa boatos. Estes, propagados pelo povo como factos legítimos, acabam transformando a realidade; dessa forma o mujimbeiro derrota a UNITA, a África do Sul e os Estados Unidos da América e faz de Angola um país pacífico e próspero, multirracial e anti-racista.(E.C., p. 256)

Estas construções metafóricas corroboram a análise apresentada até então: é bastante tênue a fronteira entre o que se tem por real e por imaginado, sendo, da mesma forma, direito e responsabilidade daqueles que recebem tais tramas textuais acreditarem ou não, aceitarem ou não o pacto de leitura estabelecido por seus autores, quer historiadores quer literatos. É o discurso narrativo instaurado no espaço da dúvida, citando o romance: “o difícil, depois, era despir à verdade o manto da fantasia”(E.C., p.210), pois há discursos que se cristalizam e se tornam inseparáveis de seus fiéis, sacralizando, por vezes, histórias inventadas ou manipuladas.

Esta literatura que se utiliza da História com a liberdade de sua natureza ficcional não se encontra presa aos senhores da memória e do esquecimento, porque senhores do poder. Ao contrário, volta-se para as figuras comuns, vidas comuns que integram, também, a história das nações, tal como a personagem Santiago, “[e]le, Tiago de Santiago da Ressurreição André, ia colocar a sua pedra nos alicerces do mundo”(E.C., p. 166). Em uma clara alusão aos versos

do poeta Agostinho Neto, o narrador doa ao homem simples, pobre, órfão, a relevância de um grande líder.

A narrativa de *Estação das chuvas* traz nas dobras do texto a inquietação sobre a reconstrução do passado, pois, se tal rememoração fosse conduzida por determinado segmento, orientada por seus interesses, tenderia a extrapolar seus limites para se confundir com a própria História geral da nação. O perigo da “naturalização” desta é o de se criarem heróis construídos à sua própria revelia, a exemplo de *A Conjura*, outro romance do autor, e que, assim, permaneceriam por “todo o sempre”. Esses “heróis” viveram no passado e vivem no presente dos monumentos e dos feriados nacionais, esse espaço de rememoração “traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção”(BENJAMIN, 1984, p. 223), o passado santifica os atos e purifica a imagem perene do herói, não um homem comum, mas “aquele por quem se espera”, mais uma vez lembrando os versos de Agostinho Neto.

Entretanto, este “[r]elebrar nunca é um ato tranquilo de introspecção ou retrospectão. É um doloroso re-lembrar, uma reagregação do passado desmembrado para compreender o trauma do presente”(BHABHA, 1998, p. 101). O passado das nações assegura o sentido de seu presente; sendo assim, o passado revisto por Agualusa assegura um novo sentido à história angolana que não o conferido pelo “passado oficial”.

A veia jornalística de José Eduardo Agualusa se mistura aos ofícios de historiador e romancista para “penetrar o coração dos enigmas”(E.C., p. 58) das noites de cacimbo da História angolana. Nos vários pedaços da História incrustados no mosaico da narrativa, podem-se identificar períodos como a formação do MPLA, o início da luta armada em 61, a noite da independência, o Golpe de Nito Alves em 77 e as eleições em 92. O romance narra o que já foi dito e reinventa o dito e o que não pôde ser explicitado, através de um discurso novo, de um ponto de vista diferente dos livros de História angolana feitos por aqueles que, nesta narrativa, são vistos como “os pequenos deuses traiçoeiros”, os mesmos “heróis tombados pela independência”.

Na trama textual, há a desconstrução dos heróis mitificados da independência. A protagonista Lídia do Carmo Ferreira é a porta-voz de um

discurso que pretende desmascarar a falsa aparência de totalidade adotada durante o período da luta armada e a falência de um sonho de nação que se concretizou por muito pouco tempo. Na cadeia de São Paulo, o narrador tem pela primeira vez contato com o “veneno da dúvida” (E.C., p. 189), veneno este que embriaga o leitor do início ao fim e o impele a acordar os contraditórios testemunhos adormecidos. A ficção permite vislumbrar reflexos de segmentos de um outro MPLA e da desilusão sofrida por aqueles que acreditavam na Independência e na democracia de Angola. As convicções do narrador são modificadas logo após a tão sonhada liberdade. A lembrança da repressão sofrida por aqueles que tentaram ir contra alguns dos responsáveis pela Independência é um reflexo difícil de esconder na narrativa. Os chamados “fraccionistas” eram considerados traidores dos interesses de Angola e não mereciam perdão. A tentativa de golpe de Estado feita por um antigo comandante da guerrilha do MPLA, Nito Alves, em 27 de maio de 1977, é marcada na narrativa com a imagem dos milhares de mortos que saiam da Cadeia de São Paulo:

Apesar de tudo tivemos sorte. Nós os do Processo OCA. Com a gente do Nito Alves não houve piedade. Morreram aos milhares. Em certas manhãs de cacimbo, cansadas e baças como um espelho velho, eu vi, através do respiradouro, passarem camiões cheios de mortos. O fedor era tanto que os guardas tapavam o nariz com algodão embebido em perfume. Alguns enlouqueceram. Mesmo a retrete já não cheirava a merda, mas a sangue. Adormecíamos com a gritaria dos torturados e acordávamos quando eles deixavam de gritar. (E.C., pp. 232-233)

A tentativa de esquecimento das fraturas sociais angolanas, com o objetivo de fortalecimento contra o colonizador português, não se manteve no presente da recém-nascida República Popular de Angola; as imagens guardadas nos espelhos emergiram assim que a figura do inimigo comum foi suplantada pela figura do poder. Recuperando outra obra escrita pelo autor, *Dom Nicolau Água Rosada e outras estórias verdadeiras e inverossímeis*, podemos dizer que “o que acontece é que vocês [os angolanos] se transformaram neles” (AGUALUSA, 1990, p. 103); a herança colonial em Angola se reparte entre os que assumiram, após a Independência, seu novo lugar; não importando o nome pelas quais sejam chamadas, as estruturas de

poder permanecem, estão lá; os outros ou os mesmos sempre estarão. O inferno das torturas e prisões foi causado pelos mesmos que salvaram e libertaram Angola. Não é uma condenação, é uma revelação “verdadeira” dentro do universo fictício do romance, uma constatação possível diante do cenário que se apresentava à altura:

— Isto não é um filme, Santiago, isto é a vida. Andamos por aqui aos trambolhões, de braço dado com fantasmas. Mas somos nós que morremos, é a nós que nos dói. Honra? A tua honra come-se? Dás de comer aos outros com a tua honra? E um país, Santiago, achas que um país se constrói com a honra? Um país se constrói com sangue! Damos de comer aos nossos com a fome dos outros, compramos a nossa vida com a vida dos outros. (E.C., p. 236)

As lacunas de uma história que obrigava a dizer, quando não silenciava, podem, agora, ser preenchidas no suplemento da escrita, pois não se trata de um contraponto, e sim, de uma outra interpretação. As pesquisas documentais que permeiam a obra de José Eduardo Agualusa não serviram apenas de base para composição de seus enredos: é uma nova História que se constrói a partir de novas articulações dos significantes da nação, virtude de uma escrita que a (re)escreve não mais com o olhar fiel ao discurso histórico oficial, mas comprometida com um olhar ficcional que tangencia e reinventa a construção desta nova nação.

Estação das chuvas traz a chuva espessa da loucura dos dias pós-Independência, fragmentando-a em diferentes registros, espaços, tempos e personagens. Agualusa mescla os reflexos da conturbada História política angolana aos reflexos da vida de sua personagem, Lídia do Carmo Ferreira, cruzando os discursos histórico e ficcional no labirinto romanesco. A narrativa, que se constrói na fronteira entre a História e a Ficção, não perde sua historicidade nem tampouco seu valor literário; explora os paradoxos História/Ficção; geral/particular, sem desintegrar qualquer dos lados das fronteiras. O discurso dissonante com a visão tradicional do passado, que toma lugar nesses novos espaços, revela a existência de fronteiras internas não delimitadas por uma lei, mas uma prática. O colonialismo deu lugar a um “neo-colonialismo”, tão perverso quanto seu antecessor, citando as páginas do

romance: “Povo angolano/ todos bem vigilantes/ porque no neocolonialismo/ a repressão é pior/ a miséria é um martírio/ a pobreza também/ porque o neocolonialismo/ não tem cor”(E.C., p. 153). Ao rever o passado, Agualusa retrata o presente de um hoje não melhor que o ontem: “Eram tempos maus — disse. —Infelizmente, os dias de hoje não são melhores”(E.C., p. 223).

Segundo a teoria defendida por Linda Hutcheon, em *A poética do pós-modernismo*, os fatos e personagens da ficção e os fatos e personagens históricos reunidos na narrativa podem indicar uma contextualização do eu na História e na sociedade. A inserção do real na ficção e vice-versa problematizaria, assim, textualmente, o deslocamento das identidades na Angola “pós-colonial”. A história particular de Lídia e sua inserção na História geral do povo angolano equivale ao que Hutcheon chama de “elevar a experiência privada à consciência pública”(HUTCHEON, 1991, p. 128), não expandindo o subjetivismo, mas entrecruzando o público e o privado, o histórico e o ficcional numa tentativa de reavaliação, de apresentação de novos momentos da História, não importando o fato de Lídia ser uma ficção.

O caminho proposto pelo autor leva a um espaço de interseção e a “inscrição dessa existência fronteiriça habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a ‘imagem’ discursiva na encruzilhada entre a história e a literatura, unindo a casa e o mundo”(BHABHA, 1998, p. 35), unindo as trajetórias de Lídia do Carmo Ferreira e da História recente de Angola ao universo “pós-colonial”. Essa localização, arquitetada em torno de uma temporalidade múltipla e fragmentada, alicerça-se não sobre o discurso da História oficial mas sobre um deambular à volta das memórias, verdadeiras ou fingidas, como evidencia o narrador do romance: “É assim, pelo menos, que imagino a cena (eu não estava lá)”(E.C., p. 20). Nos caminhos cruzados dos fatos e da ficção, o romance ocupa a fronteira, a interseção que (re)significa a História e a Literatura angolanas.

NOTA:

¹ As citações extraídas do romance *Estação das chuvas* serão indicadas pelas iniciais E.C. seguidas do número da página.

REFERÊNCIAS:

AGUALUSA, José Eduardo. *Dom Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras e inverossímeis*. Lisboa: Vega, 1990.

_____. *A conjura*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

_____. *Estação das chuvas*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KI-ZERBO, Joseph (Coord.). *História geral da África. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo; Paris: Ática; UNESCO, 1982, v. 1.

Trabalho recebido em 10 de abril de 2013 e aprovado em 25 de abril de 2013.